

Literatura oral e identidade *maubere* na construção de discursos sobre a formação da nação timorense

Vicente Paulino
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Daniel Batista Lima Borges
Université Paris Nanterre

Introdução

O processo de construção da identidade nacional do povo de Timor-Leste terá começado, justamente, a partir da constituição arbitrária das fronteiras terrestres do actual território, há cerca de 500 anos (Castro, 1867). É bem provável que, pela primeira vez, uma imensa diversidade de pequenos povos tenha começado a partilhar, primeiro, a estranheza, depois o incómodo e, finalmente, a revolta contra o invasor comum.¹

Todavia, cada reino, ou grupo étnico, procurava reagir isoladamente e, de algum modo, a identidade do povo de Timor-Leste começou por ser, nesse tempo, uma pequena semente contendo já inscrito, qual código genético, o desígnio que fará dela uma planta frondosa sob a qual se acolhem hoje todos os timorenses. Considerando as consequências atuais dessa diversidade, é necessário salientar também que existe uma forte relação entre o diferenciado e o colectivo na construção da identidade nacional do Estado-Nação Timor-Leste, como mostra Matoso (2001: 6):

Por um lado, é inevitável admitir que o fenómeno da identidade nacional tem sempre de se revelar de forma diferenciada [...]. Por outro lado, a proclamação da independência é ela própria um momento muito importante do processo de conscientização colectiva da identidade, embora não seja suficiente para lhe garantir a sua clareza.

Assim, na primeira parte do artigo, apresentaremos alguns exemplos de como a literatura oral ultrapassa suas comunidades de início e atende a ansiedades que visam à coletivização da identidade nacional do Estado-Nação Timor-Leste. Na segunda parte, abordaremos algumas apropriações do termo *maubere*, visando atender expectativas de grupos sociais específico. Ambos os termos: literatura oral e identidade *maubere*, por meio do modo como são empregados, oferecem

¹ Uma parte deste texto foi apresentada na Conferência de Encerramento do *III Congresso Internacional do Laboratório de Interlocações com a Ásia*, 18 a 20 de Outubro de 2017, organizada pelo Grupo de Estudos sobre Timor da USP – Brasil.

importantes indícios para que se possa compreender algumas das forças sociais em atuação na construção de narrativas de construção da nação em Timor-Leste.

A identidade cultural de Timor-Leste hoje, do ponto de vista histórico, é composta por incontáveis influências e aculturações; mas também por uma consagração dos discursos orais que, mais tarde, os portugueses efectivaram como uma construção textual. Assim, eles seguiram de perto as modificações históricas do povo timorense, com o fim de construir discursos sobre a existência da ilha de Timor. Estes discursos, aceitos como naturais, mas construídos por grupos sociais, mostram ansiedades de consolidação da ideia de nação em Timor-Leste.

Constata-se que, em geral, a ideia de nação surge a partir de uma evolução do conhecimento e da civilização da humanidade. Esta, de certo modo, produz o sentimento de consciência colectiva – que pressupõe a assimilação de uma história comum – e a consciência de uma unidade social, priorizando uma trajectória geral da consciência social e da consciência individual. Assim, dir-se-á que ela está muitas vezes ligada a sentimentos compartilhados por uma coletividade, como ideias ligadas “à partilha de uma língua comum, à etnicidade, à religião e à história comum, critérios que permitiram o sentimento colectivo de pertença que pode estar na base da consciência nacional de um grupo ou de um povo” (Paulino, 2015: 1). Entretanto, é preciso ter em conta que esses sentimentos são, em boa parte construídos, como produtos da imaginação de grupos específicos.

Nesse sentido, a construção da ideia de nação timorense como um produto da imaginação que pode ser compreendida pela consideração temporal de dois grandes sistemas que precederam a produção da ideia de uma unidade nacional. Estes sistemas são as comunidades religiosas em Timor-Leste e o poder dinástico das chefaturas, durante o período colonial. A fragmentação e a desarticulação das chefaturas tradicionais durante o período colonial ofereceu uma possibilidade de construir uma nova composição da comunidade imaginada. Nesse sentido, se, na maioria dos países europeus, a possibilidade de imaginar a nação está dependente da fragmentação imaginária das linguagens religiosas; em Timor-Leste o imaginário religioso faz parte da constituição do discurso nacional (Timor-Leste é um país católico). Assim, a fragmentação das lideranças tradicionais e a relativa uniformização cristã em Timor-Leste, ligada ao poder colonial permitiu o aparecimento de uma nova concepção de tempo, favorecendo a concepção do colectivo como algo que existe simultaneamente em sítios diferentes.

Mas isso não significa a total recusa de elementos pré-modernos em prol de outras coleções de objetos visando representar o sentimento de coletividade. Todo o processo de formação de sentimentos nacionais em Timor-Leste é marcado pela objetificação de narrativas tradicionais, e de sua mobilização em prol da composição de grandes narrativas nacionais, controladas por poderes políticos. Assim, se por um lado, a fundação das nações tem como objetivo promover o bem-estar e

a satisfação da Humanidade; por outro, o exemplo de Timor-Leste mostra que a política da construção de uma nação é baseada na identificação cultural e no poder político, quer numa acepção prática, como exercício do poder, quer no aspecto teórico.

Entretanto, na perspectiva de Anthony Smith (1997), os elementos pré-modernos da nação e do nacionalismo são mais do que apenas uma ideologia ou uma forma política. Para este autor, a emergência da ideia moderna de nação é remetida para as revoluções americana e francesa, antes das quais não existiam nações, mas sim etnias ou comunidades étnicas. Dessa forma, a nação surge como soma de representações culturais, pois o que é imaginado tem de ser representado colectivamente, embora haja uma implicação no processo de criação. Nesse sentido, é preciso também considerar que a mobilização de categorias de identidade como *maubere* e de textos da literatura oral das etnias timorenses não pode se resumir apenas em ansiedades políticas de classes dirigentes, mas também respondem a relações aceitas e mesmo estabelecidas pelo povo.

Abaixo descreveremos dois elementos que participam dos discursos de construção da nação em Timor-Leste. O primeiro é a afirmação do termo *Maubere* como aglutinador identitário, e o segundo a literatura oral, como coleção de narrativas dentre as quais algumas são mobilizadas com o intuito de unificar a nação timorense por meio de um discurso nacional.

A construção do ser e não ser de Timor na cultura e literatura

Quando se aborda a história de Timor-Leste e o processo de evolução do povo deste território, não se pode ignorar a existência de representações sustentadas pelas narrativas orais de carácter lendárias. Essas narrativas respondem um tipo particular de graduação social dos timorenses, alimentada por distinções sociais e por diferenças entre estilos de vida. Os valores que regem estas distinções não raro se baseiam na honra e no prestígio, fortalecendo distinções sociais verticais, representadas nas narrativas lendárias fundacionais de Timor. Frequentemente esses textos são deslocados de pequenos grupos de circulação restrita e colocados à disposição da sociedade mais abrangente. Isso contribui também para a difusão dos valores a elas vinculados. Assim, muitos desses relatos foram reduzidos a textos escritos, publicados em colectâneas e, de forma avulsa, em periódicos. Este registo foi feito, sobretudo, em língua portuguesa (Campos, 1973; Santos, 1967; Pascoal, 1967), em língua francesa (Berthe, 1972) e em tétum (Sá, 1961).

Compreende-se que a história cultural é considerada como parte integrante da memória pessoal e social, e cada pessoa pode levar consigo por onde passa, ou seja, como parte daquilo que representa o seu passado e simboliza suas raízes. Cada sociedade humana é levada a isso por meio

de informações que recebe e vai agregando às suas memórias no espaço chamado “lugar de memória” (Maor, 1987; Schlereth, 1990; Lehan, 1998).

Assim, pode-se dizer que há um mito popular que elege a ilha de Timor como lugar de memória e propõe a revelação das origens dos primordiais timorenses associados a uma lendária viagem marítima a partir de Malaca, passando por Macáçar, Flores e depois até Amatumung. Outras versões falam sobre a migração do povo Ossu que atravessou uma ilha entre Timor e a Nova Guiné (Cinatti, Almeida & Mendes, 1987; Santos, 1967). Nesse sentido, a narrativa de origem mais conhecida chama-se, em uma de suas versões, “o crocodilo que fez Timor” (Sylvan, s.d.).

Um exemplo recente de utilização deste mito fundador foi o seu emprego nos *Temas de literatura e cultura: manual do Aluno de 10º ano* (Ramos et al, 2012), realizados em um convênio entre o governo timorense e a universidade de Aveiro². Nos manuais, é clara a proposta do emprego de mitos fundadores no material didático como forma de unificação de uma narrativa nacional. Mas nesse material didático não é apenas uma narrativa nacional timorense que é afirmada, mas, colateralmente, a *lusofonia*, que é apresentada como uma essência, e naturalizada como fazendo parte da narrativa nacional e da construção da identidade timorense³.

No caso dos manuais de ensino, é possível identificar grupos sociais precisos e dotados de autoridade acadêmica que se apropriam da literatura oral timorense para inserir sua própria narrativa coletiva na formação da nação timorense. Não é por acaso que, em relação ao processo de produção dos manuais, Barbosa & Cassiani (2016) percebem que “a construção curricular do Ensino Secundário Geral, assim como os manuais dos alunos, se deu principalmente por equipes portuguesas (colonizadores de Timor-Leste do início do século XVI até 1975) e teve pouca participação dos timorenses.”

O paradigma *Mauberiano* no sentido de afirmação do ser ou não ser de Timor

A nação timorense é constituída por diversos ‘reinos’ com as suas especificidades culturais –, e tem igualmente a ver com um sentimento de identidade comum, construído ao longo da sua

2 “No que à literatura timorense diz respeito, no 10º ano são apresentadas, por exemplo, versões recolhidas oralmente de textos da tradição oral timorense (Eduardo dos Santos, Ezequiel Enes Pascoal, Artur Basílio de Sá, e outros), mas também versões literárias da Lenda de Timor por Fernando Sylvan e Luís Cardoso, “O crocodilo que se fez Timor” e “O crocodilo fez-se ilha”, respetivamente, permitindo a comparação e a reflexão sobre questões ligadas às reescritas, por exemplo, mas também à intertextualidade, que surge reforçada através da presença do poema “Avó Crocodilo”, de Xanana Gusmão, que alude à mesma lenda.” (Ramos, 2017)

3 Nos manuais, além do tratamento do conteúdo, a intenção de vinculação do material didático à lusofonia é clara: “Relativamente ao programa da disciplina aqui em análise, refira-se que o mesmo foi arquitetado em torno da progressiva valorização da literatura e cultura timorenses e promovendo a sua gradual legitimação e canonização através do estudo dos seus autores e respetivas obras literárias. [...] O programa assenta ainda na potenciação da relação com a lusofonia [...]” (Ramos, 2017: 3)

história. Em todo o caso, como nos adverte Anthony Smith na sua obra *A Identidade Nacional*, importa ter presente que os atributos da comunidade étnica são, em grande medida, os mesmos que servem para identificar a nação, por ele questionada como “um nome colectivo, um mito de linhagem comum, memórias históricas partilhadas, um ou mais elementos diferenciados da cultura comum, a associação a uma terra natal específica e um sentido de solidariedade em sectores significativos da população” (Smith, 1997: 37). Partindo deste pressuposto, a identidade nacional timorense é alimentada ainda hoje pelas tradições e costumes. Quer isto dizer que, apesar de a nacionalidade dos timorenses ter sido constituída pela política, acaba por ser resultado de uma instância simbólica, fruto de uma incessante construção discursiva cultural, que é um sistema de representação.

No contexto da sociologia e antropologia, o termo *Maubere* está sujeito a categorizações de identificação da pessoa (Hall: 2002). Timorense é o natural ou habitante de Timor e *maubere* é o indivíduo do povo dos *Mauberes*; os *Mauberes* são o povo asiático que é o habitante tradicional de Timor-Leste. O termo *Maubere* é constituído por duas palavras, *Mau* (irmão) e *Bere* (homem). Contudo, a expressão *Maubere* é uma designação do nome de uma pessoa, pois em Timor-Leste existem pessoas com o nome *Bere*, ou *Maubere*. Basicamente, a expressão aproxima-se muito do conceito de ‘somos homens e somos irmãos’⁴. Quer isto dizer que não existe uma cultura superior a outra, porque cada cultura tem origens próprias. No entanto, alguns timorenses dizem que *Maubere* é o homem de Timor, porque reconhece a existência da sua própria identidade cultural e territorial. É por isso que alguns timorenses se caracterizam a si mesmos como *Maubere*.

A história da expressão *Maubere* é fundamentada pelas novas visões ideológicas que sustentam os valores simbólicos de uma personalidade colectiva timorense, embora não haja uma ‘língua *maubere*’⁵. Não há instrumento absoluto que indica a sua existência por não pertencer a um “grupo etnolinguístico *maubere*” (Marcos, 1995: 120). Esta expressão é constituída pela sua evolução semântica. O uso deste termo, dado por certa gente traduzida por preconceito, troça e desprezo, torna-se significativo quando, pela primeira vez, foi expresso orgulhosamente como

4 A este respeito, parece que as mitologias fundacionais de Timor têm, entre si, uma forte ligação. Elas dizem que existe o primeiro homem e a primeira mulher e que se chamam *Maubere* e *Buibere* e que terão surgido das montanhas do centro-leste Ramelau/Matebian. Isto leva-nos a entender que esteja relacionado com o facto de que Geoffrey Gunn chama o grupo étnico-cultural ‘essencial’, que, segundo o autor, teria sido o grupo “*Maubere*, indígena, de língua tétum” (Gunn, 1999: 14).

5 Entretanto, pode notar-se que aqui há diversas interpretações muito complexas. Alguns autores designam a referência *Maubere* como antropónimo. No entanto, se este é referido no trabalho de campo, designa-se logo como referência de etnónimo. Fernando Sylvan (1995) remete o termo para o Galole (língua de Manatuto) e Artur Marcos (1995: 123) sublinha que, no século XIX, o termo terá sido usado para denominar um distrito em particular. Paulo Castro Seixas diz que nunca encontrou nenhuma referência a um distrito denominado *Maubere* e, de qualquer maneira, no terreno remetem-no para a denominação das pessoas que vivem no Aileu, Ermera e Maubesi.

indicativo de afirmação colectiva e nacional. Assim, *Maubere* e assimilado são termos que surgem com a consciência da dominação portuguesa e como forma de resistência face a tal dominação.

Abílio de Araújo (1977) explica que *Maubere* é uma identificação do nome de um indivíduo, tal como João ou Maria, que é muito comum em Timor-Leste, e *Maubere* é o homem de Timor⁶. Diz o documento da FRETILIN⁷: “O termo *maubere* é um conceito político identificador de todo um Povo ou uma Nação. *Maubere* deixará de ser um simples nome próprio para se tornar num conceito político e sócio-antropológico de diferenciação da gente mais humilde e autóctone dos colonizadores e naturais assimilados. *Maubere* era, assim, o timorense no mais profundo da sua identidade”.

Durante a ocupação indonésia, a FRETILIN conseguiu transformar este termo num poderoso símbolo de identidade nacional, que foi “aceite por todo o povo de Timor-Leste, transbordando para além das fronteiras de Mambae [...] O nome está consagrado nacional e internacionalmente” (Ramos-Horta, 1994: 98). Embora a UDT⁸ nunca tenha aceite tal expressão, aqueles que estavam no território aceitam tal termo como símbolo da unidade e da resistência. Só não foi aceite por alguns dirigentes udetistas na diáspora, o que dificultou todas as decisões políticas e mobilização da opinião pública internacional sobre a questão de Timor.

Para manter a credibilidade desta noção que caracterizava a personalidade colectiva dos timorenses, procura evitar-se a ideia controversa que poderá abrir uma nova vaga de divisão entre os timorenses pela aplicação deste termo e recusar-se a ser identificado como *Maubere*. Xanana Gusmão, na sua mensagem, de 1 de Maio de 1992, apelou aos timorenses residentes no estrangeiro, com a intenção de lhes demonstrar que não havia razão para contrariar o uso do termo *maubere*.

[...] Que razões semânticas justificam estas terminologias? Quando buscam razões para justificar uma aversão pelo termo. [...] Quanto a mim, sejam quais forem os pontos de vista, o termo MAUBERE tem uma expressão que Filipinas, por exemplo, não possui. Por falar no termo, reparo que CNRM – ‘Conselho Nacional da Resistência *Maubere*’ não é do gosto de todos. Pequenos coágulos de sangue *maubere*, que têm que ser retirados para que a avenida seja lisa? Penso que são atitudes que nos desprestigiam apenas, porque o povo *maubere* vai sofrer quando tomar consciência de que o *Maubere* nunca libertará Timor. Compreendo que o ‘M’ pode estar a actuar num sentido discriminatório para alguns, contudo, com

6 Abílio de Araújo explica que a palavra “*Maubere* é um nome próprio como João ou Maria, muito comum em Timor-Leste. Há mais indivíduos com o nome *Maubere* em Timor que João e Maria em Portugal. Por isso, os colonialistas chamavam *Maubere* a qualquer nativo iletrado, sub-alimentado, pobre. A palavra *Maubere* sofreu, assim, uma evolução semântica. Nos últimos anos da dominação colonial portuguesa, o homem do interior, aquele que resistiu à dominação cultural do colonialismo passou a ser chamado indiscriminadamente *Maubere*. *Maubere* é o homem de Timor que resistiu culturalmente ao colonialismo, aquele que era o verdadeiro portador da cultura popular e, por isso mesmo, sofreu na carne e ossos os piores efeitos da colonização” (Barros, 1988: 18). Ver também o artigo de Fernando Sylvan (1995), “*Presente e futuro da palavra Maubere*”, In: MARCOS, Artur. *Timor Timorense com suas línguas, literatura e lusofonia*, Lisboa: Edição Colibri.

7 Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente.

8 União Democrática Timorense

toda a franqueza e com toda a liberdade que chamo por mim, como razão também da minha própria participação nesta grandiosa epopeia do nosso povo, nunca hesitarei em utilizar a já tão consagrada expressão de *Povo MAUBERE*. Serão pontos de vista, diferentes ou distintos ou simplesmente consciência que se adquirem desta Luta! (Gusmão, 2002: 213-214)

Contudo, se houvesse um plano de ataque ao abrigo do inimigo, o comandante das FALINTIL⁹ dava ordem aos seus elementos da Força – ‘*Maubere* ataque’, isto foi um facto concreto da utilização do termo, que era como remédio da luta pela libertação nacional. E, em 1990, Xanana Gusmão, na entrevista concedida ao jornalista australiano Robert Dumm, citado por Mendes (2005: 274), classificava o nacionalismo *maubere* não como propaganda da Resistência e que “it’s not an ephemeral, temporary phenomen but it is part of our unconscious; it is part of the soul of the *Maubere* people”, isto é, a aplicação do termo mostrava a importância de fixar a identidade que existia efectivamente na alma do povo de Timor-Leste.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A. de, [1977]. *Timor Leste: os loricos voltaram a cantar*. Lisboa: Edições de autor.

BARBOSA, A. T.; CASSIANI, S., [2016]. *Efeitos da colonialidade no manual de aluno de biologia do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste*. Revista da SBEnBio, Vol. 1, nº 9, pp. 680-690.

BERTHE, L., [1972]. *Bei gua: itinéraire des ancêtres mythes des Bunaq de Timor, text Bunaq recueilli auprès de Bere Loeq, Luan Tes, Asa Bauq et Asa Beleq*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique.

CAMPOS, J. A. C. de, [1973]. *Os mitos e a imaginação contista no estudo das origens do povotimorense*. Lisboa : Agência Geral do Ultramar.

CASTRO, A. de., [1867]. *As possessões portuguesas na Oceânia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CINATTI, R.; ALMEIDA, L. de; MENDES, S., [1987]. *Arquitectura timorense*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia.

GUNN, G. [1999]. *Timor Loro Sae 500 Anos*. Macau: Livros do Oriente.

GUSMÃO, X., [2002]. *Timor Leste: um povo uma pátria*, Lisboa: Edições Colibri.

HALL, S., [2002]. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

LEHAN, R. D., [1998]. *The city in literature: an intellectual and cultural history*. Berkeley: University of California Press.

MAOR, E., [1987]. *To infinity and beyond: a cultural history of the infinite*. Boston: Birkhäuser.

9 Força Armada da Libertação Nacional de Timor-Leste.

- MATOSO, J., [2003]. *A identidade nacional*. Lisboa: Edição Gradiva.
- MARCOS, A., [1995]. *Timor Timorense com suas línguas, literatura e lusofonia*. Lisboa: Edição Colibri.
- MENDES, N. C., [2005]. *A multidimensionalidade da construção identitária em Timor-Leste*. Lisboa: ISCSP-UTL.
- PASCOAL, E. E., [1967]. *A alma de Timor vista na sua fantasia*. Braga: Barbosa & Xavier.
- PAULINO, V., [2012]. *Representação identitária em Timor-Leste: culturas e os média*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PAULINO, V. et all (coords)., [2015]. *Atas 2ª conferencia internacional - a produção do conhecimento científico em Timor-Leste*. Díli: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento / Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL, pp.23-34.
- PEREIRA, J.; PAULINO, V., [2016]. *A maneira simu bainaka na cultura tokodede de Timor-Leste*. In: PAULINO, Vicente; APOEMA, Keu (Orgs.). *Tradições orais de Timor-Leste*. Belo Horizonte; Díli: Casa Apoema, pp.121-152.
- RAMOS-HORTA, J., [1994]. *Timor-leste: amanhã em Díli*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- RAMOS, A. M. et al, [2012]. *Temas de literatura e cultura: manual do Aluno de 10º ano*. Díli – Timor-Leste.
- RAMOS, A. M., [2017]. *Temas de literatura e cultura: os desafios da educação literária no sistema de ensino timorense*. In: *Via Atlântica*, nº 31, pp. 331-346.
- SÁ, A. B. de., [1948]. *Preliminares da História de Timor*. In: *Boletim Geral das Colónias*, ano 14, nº 280, pp.3-25.
- SÁ, A. B. de., [1961]. *Textos em teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- SANTOS, E. dos, [1967]. *Kanoik: lendas e mitos de Timor*. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa.
- SCHLERETH, T. J., [1990]. *Cultural history and material culture: everyday life, landscapes, museums*. American material culture and folklife. Ann Arbor, Mich: UMI Research Press.
- SMITH, A., [1997]. *A identidade nacional*. Lisboa: Edição Gradiva.
- SYLVAN, F., [s.d.]. *Cantolenda Maubere - the legends of the mauberes*. Lisboa: Fundação Austronésia Borja da Costa.
- XIMENES, F. S.; PINTO, E. F., [2017]. *Um olhar sobre cerimónia itual atali'a gi-falunu*. In: PAULINO, Vicente et al (Coords). *Atas 2ª conferencia internacional – a produção do conhecimento*

científico em Timor-Leste. Díli: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL, pp.23-34.